A atuação do Instituto Vida Renovada (IVR) na periferia do estado do Rio de Janeiro

Janine Targino[1]

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v9i26.32154

Resumo: O presente artigo busca apresentar e analisar o trabalho realizado pelo Instituto Vida Renovada (IVR) na Baixada Fluminense, maior região periférica do estado do Rio de Janeiro. Com caráter eminentemente filantrópico e com perfil marcadamente pentecostal, esta instituição oferece, entre outros, tratamento para indivíduos dependentes químicos. Em função de sua atuação, o IVR está entre as instituições religiosas que mais se destacam no oferecimento de atendimento a dependentes químicos na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Os dados aqui apresentados foram coletados entre os anos de 2011 e 2014 através de pesquisa de campo por observação e entrevistas realizadas com internos e membros da equipe técnica da instituição estudada.
Palavras-chave: Pentecostalismo; Dependência de drogas; Tratamento da dependência química; Periferia.

The work of the Institute Renewed Life (IVR) in the outskirts of the state of Rio de Janeiro

Abstract: This article seeks to present and analyze the work of the Institute Renewed Life (IVR) in the Baixada Fluminense, most peripheral region of the state of Rio de Janeiro. With eminently philanthropic and markedly pentecostal profile, this organization offers, among others, treatment of addicts. Because of its performance, the IVR is among the religious institutions that stand out in providing assistance to drug addicts in the metropolitan area of the city of Rio de Janeiro. The data presented here were collected between the years 2011 and 2014 through observation by field research and interviews with internal and members of the technical staff of the analyzed institution.
Keywords: Pentecostalism; Drug addiction; Treatment for drug addiction; Periphery.

La acción del Instituto Vida Renovada (IVR) en las afueras de estado de Rio de Janeiro

Resumen: En este artículo se pretende presentar y analizar el trabajo del Instituto Vida Renovada (IVR) en Baixada Fluminense , la mayor región periférica del Estado de Río de Janeiro. Con el

[1]Possui bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008), licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014). Atualmente é tutor presencial do Centro de Educação à Distância do Estado do Rio de Janeiro. Email: janine.targino.silva@gmail.com.

perfil de carácter eminentemente filantrópica y marcadamente pentecostal, esta institución ofrece, entre otros, el tratamiento para las personas dependientes de sustancias químicas. Debido a su rendimiento, el IVR es una de las instituciones religiosas que se destacan en la prestación de asistencia a los adictos a las drogas en el área metropolitana de la ciudad de Río de Janeiro. Se recogieron los datos presentados aquí entre los años 2011 y 2014 a través de la investigación de campo por la observación y entrevistas con el personal interno y técnico de la institución estudiada.
Palabras-clave: Pentecostalismo; Adicción a las Drogas; El Tratamiento Farmacológico; Periferia.

Recebido em 02/06/2016 - Aprovado em 30/08/2016

Considerações iniciais

O presente artigo surge como fruto direto de minha tese de doutorado, na qual apresentei a análise minuciosa sobre a atuação e os discursos elaborados pelos atores presentes no Instituto Vida Renovada (IVR), que possui sua sede instalada no município de São João de Meriti, e no Projeto Reconstruir, que concentra sua atuação em bairros localizados no município do Rio de Janeiro. Neste artigo, me debruçarei exclusivamente sobre a atuação do IVR, visto que o norteador dos apontamentos que serão expostos a seguir está baseado na interseção entre a atuação de grupos pentecostais nas periferias das grandes metrópoles. Entendendo que o município onde o IVR impetra a maior parte de seus esforços compõe a região denominada por Baixada Fluminense[2] e, além disso, ressaltando a constatação de que a Baixada Fluminense constitui a maior região periférica do estado do Rio de Janeiro com carências de variadas ordens, o norteador desta análise torna-se sobremaneira adequado. É importante acrescentar todas as polêmicas veiculadas pela mídia acerca do trabalho realizado pelo fundador do IVR, o Pastor Marcos Pereira, e também no que diz respeito às finalidades, declaradas e não declaradas, do IVR. Tais polêmicas agregam elementos substanciais à análise, ao mesmo tempo em que novas nuances e maneiras de interpretar os fatos são reveladas.

O IVR foi fundado por Marcos Pereira no ano de 1990 com a intenção de atuar à maneira de uma organização não governamental (ONG). Esta instituição funciona como uma extensão da Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD), uma igreja pentecostal da qual Marcos Pereira é o atual presidente. Tanto no processo de evangelização como na concretização daquele que seria o principal projeto do pastor, a saber, usar a religião na tentativa de reintegrar socialmente indivíduos que vistos como marginalizados, a interseção entre a atuação do IVR e da ADUD mostra-se sobressalente.

Além da sede localizada no bairro do Éden, município de São João de Meriti, o IVR também possui um espaço chamado Fazenda Vida Renovada, localizado no bairro

[2] A região denominada como Baixada Fluminense é composta pelos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Segundo levantamento feito pela Casa Fluminense com base em dados do Censo Demográfico de 2010, esta região possui mais de cem mil pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza. Assim, pode-se dizer que a Baixada Fluminense é marcada por disparidades sociais muito significativas.

de Tinguá, município de Nova Iguaçu, também localizado no estado do Rio de Janeiro. Tanto na sede quanto na Fazenda Vida Renovada, o IVR atende dependentes químicos em busca de tratamento e acolhe egressos do sistema prisional que, de acordo com as informações coletadas ao longo da pesquisa de campo, não encontram meios para retomarem suas vidas fora da prisão. Entre os acolhidos pelo IVR encontram-se também vários indivíduos que se autodeclaram ex-traficantes de drogas que dizem ter descoberto no IVR uma alternativa viável para recomeçarem suas vidas longe do narcotráfico. Considerando todos os indivíduos atendidos pelo IVR, estima-se que existam cerca de 150 homens e 40 mulheres em situação de internato nesta instituição[3].

O IVR, por intermédio da figura marcante de Marcos Pereira, atua em várias instituições carcerárias do estado do Rio de Janeiro. Por este motivo, em algumas situações de rebelião dentro de presídios o pastor chegou a ser solicitado pelo governo estadual para negociar com detentos rebelados. Além de negociar o término de rebeliões, o IVR e o pastor realizam várias atividades religiosas entre presidiários. Em geral, em suas visitas aos presídios o pastor atua acompanhado por alguns de seus seguidores (em geral, homens) que, ao mesmo tempo, são seus *braços direitos* dentro do IVR e da ADUD[4]. A filha do pastor, Nívea Silva, e a cantora gospel Elaine Martins igualmente faziam parte do grupo que participa das visitas feitas pelo pastor aos presídios. No entanto, a prisão de Marcos Pereira em maio de 2013 interrompeu (ainda que temporariamente) a participação do mesmo nas atividades realizadas pelo IVR dentro dos presídios[5].

Ao mesmo tempo em que se faz presente dentro dos presídios, o IVR e a ADUD promovem grandes eventos em diversas favelas da região metropolitana do Rio de Janeiro. Nestes eventos são feitas apresentações de cantores gospel vinculados à ADUD, peças teatrais com conteúdo religioso, depoimentos de indivíduos que se dizem recuperados da dependência química e de egressos do sistema prisional que se converteram à ADUD por intermédio do IVR. Todas estas ações são impetradas com intenções explicitamente proselitistas, posto que o maior objetivo destas ações é arregimentar fiéis para a ADUD.

A proposta de tratamento contra a dependência química do IVR enquadra-se no modelo religioso de atendimento a dependentes químicos[6]. Uma caracterização bastante

[3] Dados informados pela equipe técnica do IVR no ano de 2013.

[4] Ao longo da pesquisa de campo, pude identificar que o grupo de homens de confiança de Marcos Pereira era formado, em geral, por membros seguidores da ADUD. Entre estes indivíduos, muitos são internos de longa permanência no IVR.

[5] Informações disponíveis na página virtual da ADUD (http://portaladud.com.br/2014/instituto.php) indicam que mesmo sem a presença de Marcos Pereira o IVR continuou realizando atividades dentro de alguns presídios (Acesso em: 21 jan. 2016).

[6] De acordo com Cordeiro & Gonçalves (1988), três são os modelos de atendimento ao dependentes químicos: o modelo psiquiátrico, o modelo comportamental e o modelo religioso. Segundo os autores, o modelo psiquiátrico parte da noção de norma social, segundo a qual todo comportamento que não se adapte às regras de funcionamento social é considerado desviante. A

sintética do modelo religioso de atendimento a dependentes químicos nos diz que o mesmo preconiza a disciplina religiosa como principal estratégia para afastar o usuário de drogas de sua dependência química (CORDEIRO & GONÇALVES, 1988). Segundo Bucher & Costa (1985; 1988), a prática religiosa de tratamento de dependentes químicos é originária dos Estados Unidos, sendo atualmente realizada por grupos que, em sua maioria, são protestantes[7]. Com ênfase na abstinência completa de todas as drogas psicotrópicas, estes tratamentos religiosos buscam auxiliar o indivíduo dependente químico na promoção de uma ruptura radical com o comportamento desviante. Cabe ressaltar que a abstinência do consumo de drogas, enquanto tática para recuperação de dependentes químicos, é um elemento comum ao conjunto das religiões cristãs. Segundo nos indicam Sanchez & Nappo, religiões sincréticas como o Santo Daime e a União do Vegetal[8], por exemplo, utilizam drogas psicotrópicas em suas cerimônias a fim de combater os mais variados males orgânicos e emocionais, entre os quais está a dependência de drogas (SANCHEZ & NAPPO, 2007).

A maneira pela qual a dependência química é observada dentro do IVR determina toda a série de procedimentos que podem ou não ser adotados nos cuidados dos internos. No IVR, o uso de recurso medicamentoso é algo absolutamente vetado, tendo em vista que a dependência química é tratada apenas como caso de possessão demoníaca. Uma vez que o processo de libertação espiritual independe do uso de qualquer medicamento, todos os efeitos associados com o uso ou à falta de drogas no

ideia de cura pela desintoxicação e a identificação da dependência química com uma forma de doença mental orientam a estratégia que, em ultima instância, visa à readaptação do sujeito a um eixo original. No que tange ao modelo comportamental, segundo a definição de Cordeiro & Gonçalves (ibidem), o mesmo assemelha-se bastante ao modelo psiquiátrico de atendimento a dependentes químicos, já que o primeiro também parte da noção de desvio social e este aspecto orienta todas as intervenções subsequentes. Dessa forma, os programas comportamentais destinados ao tratamento de dependentes de drogas através do desenvolvimento de esquemas de condicionamento buscam o estabelecimento de novos comportamentos – evidentemente consonantes com as regras de funcionamento social – e à eliminação dos comportamentos considerados indesejáveis.

[7] Sanchez, em sua tese de doutorado, nos mostra que grupos espíritas e católicos também oferecem tratamento para dependentes químicos. Contudo, a autora constata que existem mais grupos evangélicos atuando na recuperação de dependentes químicos que grupos espíritas e católicos (SANCHEZ, 2006).

[8] De acordo com Araújo & Castro (2009), a religião denominada como Santo Daime é caracterizada pelo uso ritual de um chá com propriedades psicoativas (a Ayahuasca), acompanhado do canto de hinos que, segundo seus seguidores, possuem o poder de cura e vários ensinamentos. Ricciardi (2008) também nos indica que a União do vegetal, religião criada em 22/07/1961, possui uma doutrina cristã reencarnacionista, além de também utilizar a Ayahuasca em seus rituais. É importante destacar que, tanto no Santo Daime quanto na União do Vegetal, o uso de chás psicotrópicos nos rituais visa à elevação espiritual do indivíduo e o alcance da solução de problemas físicos ou emocionais. A cura do vício de drogas lícitas ou ilícitas também poderia ser alcançada através do uso religioso da Ayahuasca, segundo a doutrina destas religiões (ARAÙJO & CASTRO, Ibidem; RICCIARDI, Ibidem).

organismo do dependente químico são abordados como consequências diretas da ação de forças maléficas. Da mesma forma, sob o entendimento compartilhado no IVR, as recaídas que os internos porventura possam ter voltando ao consumo de entorpecentes agregam a lista de questões provocadas pelo estado de possessão demoníaca apresentado pelo indivíduo.

É importante ressaltar desde então que, no âmbito do IVR, não existem as fronteiras que separam as drogas lícitas das drogas ilícitas. Isto é, drogas lícitas como cigarros de tabaco e bebidas alcoólicas são equiparadas às drogas ilícitas como cocaína e crack, pois ambas as categorias de drogas são classificadas como perniciosas e devem, por isso, ter seu uso vetado. Esta forma abrangente de tratar o conceito de droga leva, inevitavelmente, a um tratamento igualmente abrangente no que diz respeito à definição de dependência química. Por conseguinte, deste panorama surge uma definição bastante inclusiva de dependente químico, que engloba desde indivíduos alcoólicos até usuários de drogas tidas como *mais pesadas* como o crack.

Diante destes esclarecimentos, resta-nos agora apresentar o perfil de indivíduos atendidos pelo IVR e a proporção que os mesmos ocupam dentro da instituição. Da mesma forma, o perfil do líder do IVR será igualmente apresentado para que seja possível a composição de um panorama mais satisfatório de análise.

1.**A demanda do IVR**

A análise dos dados coletados através da pesquisa de campo e das entrevistas realizadas com internos e membros da equipe técnica do IVR permite o apontamento de algumas características que definem o perfil dos indivíduos que buscam internação e/ou acolhimento nesta instituição. No que diz respeito à demanda que o IVR recebe, pode-se dizer que em maior número estão aqueles que procuram espontaneamente pelo tratamento e/ou acolhimento. Neste grupo estão os indivíduos autodeclarados dependentes químicos[9] que procuram o IVR após chegarem à conclusão de que não possuem mais condições de viver com o vício de drogas. Esta parcela da demanda atendida pelo IVR, geralmente, toma conhecimento da existência da instituição através do trabalho de evangelização realizado por Marcos Pereira e sua equipe em comunidades carentes e em áreas com grande concentração de usuários de drogas (como, por exemplo, as chamadas *cracolândias*). Além disso, a fama do IVR se espalha pelas comunidades carentes dos arredores dos municípios de São João de Meriti e do Rio de Janeiro, e isso acaba funcionando como um atrativo para aqueles que buscam os serviços prestados pela instituição.

No grupo de indivíduos que procuram espontaneamente por tratamento e/ou acolhimento no IVR estão vários egressos do sistema prisional. Embora os dados disponibilizados pela equipe técnica da instituição não sejam precisos no que trata da

[9] Diagnosticar a dependência química constitui tarefa sobremaneira complicada, e mesmo a equipe técnica do IVR pareceu ter dificuldades quanto a isso. Desta forma, a manifestação de dependência química e sua intensidade são registradas com base, sobretudo, nas declarações que o indivíduo apresenta no momento em que é recebido no IVR.

quantidade de indivíduos egressos acolhidos pelo IVR, é possível dizer que pelo menos a metade dos internos possui este perfil[10]. Segundo os dados coletados, este grupo específico de internos chega ao IVR motivado por duas razões. Por um lado, como fora mencionado anteriormente, muitos destes egressos não encontram meios para retomarem suas vidas após o cumprimento da pena, e por isso buscam o acolhimento do IVR. Por outro, há igualmente os egressos que chegam ao IVR motivados não apenas pelo fato de não terem encontrado apoio fora dos muros da prisão, mas também porque almejam passar pelo tratamento contra a dependência química. Os dados da pesquisa apontam que os indivíduos egressos atendidos pelo IVR, na maioria das vezes, tomam conhecimento desta instituição através das atividades religiosas que Marcos Pereira promove dentro dos presídios.

Ex-traficantes de drogas que optam por abandonar o *movimento*[11] também agregam o grupo dos que chegam ao IVR de forma espontânea. De acordo com as informações obtidas, estes indivíduos tomam conhecimento do IVR através das ações realizadas pela instituição em áreas carentes do Rio de Janeiro. Já as motivações que os levam a buscar acolhimento no IVR são as mais variadas possíveis, pois existem desde os que se conscientizam dos perigos inerentes à vida levada no tráfico de drogas, até aqueles que buscam afastar por um tempo para escapar de ameaças feitas por traficantes rivais.

Obviamente, deve-se deixar claro que os perfis de indivíduos autodeclarados dependentes químicos, egressos do sistema prisional e ex-traficantes de drogas não são necessariamente excludentes entre si. Assim sendo, muitos dos internos entrevistados no IVR declararam ter atuado na rede do narcotráfico, e muitos deles também cumpriram pena por tráfico de drogas ou por outros crimes. Na verdade, as categorias dependente químico, egresso e ex-traficante estão tão imbricadas que dificilmente pode-se encontrar alguma delas em *estado puro* dentro do IVR.

Continuando com a exposição dos dados sobre o perfil dos internos do IVR, em segundo lugar estão os dependentes químicos que são levados por suas famílias, isto é, trata-se de indivíduos que não aderem espontaneamente ao internato do IVR. Contudo, em muitos destes casos, o real problema do indivíduo levado para a internação não seria de fato a dependência química. Segundo Drª Leila[12], psicóloga que realiza a triagem dos indivíduos candidatos à internação no IVR, é muito comum que familiares de pessoas com problemas mentais levem estas pessoas para internação simplesmente para se livrarem do *problema*. Uma vez que todos os indivíduos que buscam internação no IVR precisam antes passar por uma triagem, os casos diagnosticados como doenças mentais não provocadas pelo uso de substâncias entorpecentes são orientados a procurar ajuda em outras instituições apropriadas.

Em terceiro lugar estão os indivíduos retirados das áreas conhecidas como *cracolândias*. Este trabalho de busca de dependentes químicos nas *cracolândias* é feito por

[10] Constatação baseada nas observações realizadas ao longo do trabalho de campo.
[11] *Movimento* trata-se de um termo utilizado entre traficantes de drogas para designar a rede do narcotráfico.
[12] Nome fictício.

Marcos Pereira na companhia de outros membros da ADUD em áreas com alta concentração de dependentes químicos e traficantes de drogas. Nestas ocasiões, o pastor propõe aos usuários e traficantes que o acompanhem até o IVR para se internarem e se *libertarem*[13] do vício de drogas e práticas marginais através da conversão à religião. Muitas vezes, segundo informações obtidas em entrevistas realizadas com internos do IVR, o pastor usa sua influência para intervir no chamado *tribunal do tráfico*[14], impedindo que usuários de drogas endividados com traficantes sejam torturados e mortos. Em função disso, muitos são os indivíduos oriundos de *cracolândias* que acompanham o pastor até o IVR. Contudo, estes são os que permanecem menos tempo na casa. Segundo Drª Leila,a cada dez indivíduos retirados das *cracolândias* apenas dois dos mesmos permanecem no IVR tempo suficiente para iniciarem o tratamento proposto pela instituição. Ainda segundo as declarações dadas pela psicóloga, os indivíduos que chegam até o IVR através do trabalho de resgate feito pelo pastor na grande maioria das vezes veem o IVR como uma espécie de albergue, ou seja, um lugar para fazer uma refeição e dormir uma noite, apenas.

Por último estão aqueles que procuram o IVR em função dos laços de afinidade que possuem com internos que lá já estão. Ao longo da pesquisa de campo foi possível observar o quão comum é a existência de grupos de amigos formados dentro do sistema penitenciário entre os internos do IVR. Nos casos em que um egresso se interna / busca acolhimento no IVR para se tratar da dependência química (ou por simplesmente não ter mais para onde ir após ter perdido seus laços familiares), é bastante recorrente que este indivíduo convide seus ex-companheiros de sistema prisional para ingressarem no IVR. Também existem muitos casos em que ex-traficantes internados / acolhidos convidam seus ex-companheiros para viver no IVR.

A grande maioria dos que buscam internação no IVR é composta de homens. Durante o período em que realizei a coleta de dados, o IVR possuía aproximadamente 40 mulheres e 70 homens internados na sede. Esta contagem de internos correspondia à lotação máxima da sede que, mesmo diante dos altos índices de evasão, sempre estava com todas as vagas ocupadas.

No que diz respeito à escolaridade dos internos, a grande maioria não chega a possuir o ensino fundamental completo. A faixa etária dos internos atinge pessoas de 19 a 59 anos, mas alguns casos considerados excepcionais de crianças e adolescentes retirados

[13] Aqui, o conceito de libertação é aplicado tal como figura na cosmologia pentecostal. Isto é, passar pelo processo de libertação seria o mesmo que livrar-se de qualquer influência de forças demoníacas e aceitar Jesus Cristo como único salvador.

[14] Tribunal do tráfico seria a ocasião na qual traficantes de drogas decidem sobre a pena a ser aplicada a indivíduos apontados como delatores, com dívidas geradas pela compra de drogas, entre outros. Sabe-se, por conta de uma série de notícias veiculadas pela mídia e por representantes da segurança pública, que na maioria das vezes a sentença determinada pelo tribunal do tráfico é a execução do indivíduo julgado.

de *cracolândias* e demais áreas consideradas de risco também foram registrados durante a pesquisa de campo e confirmados pela psicóloga da instituição[15].

A grande maioria dos que procuram o IVR informa no momento do preenchimento da ficha cadastral que possui moradia própria. Em maior quantidade também estão os indivíduos desempregados e pardos[16]. Indivíduos oriundos do município do Rio de Janeiro são os mais numerosos. Em seguida estão os provenientes da Baixada Fluminense e aqueles que se deslocam de outros estados para se internarem no IVR.

Através da observação dos perfis atendidos pelo IVR torna-se bastante evidente o apontamento de que são as pessoas mais pobres que procuram atendimento nesta instituição. Seja por sua proposta filantrópica, por atuar como rede de proteção social e de atenção complementar à rede de Sistema Único de Saúde (SUS), pode-se dizer que a proposta do IVR encontra imensa capilaridade nas camadas populares. Colabora para isso a própria localização geográfica da instituição, que, como mencionado anteriormente concentra suas atividades em dois municípios da Baixada Fluminense.

Gostaria, neste ponto, de destacar que a construção de uma caracterização satisfatória sobre o IVR não pode ser feita sem levar em consideração a figura de Marcos Pereira. Deve-se destacar que a residência oficial do pastor está localizada no do 3º piso do prédio onde funcionam a ADUD e o IVR, e isso constitui um elemento que agrega bastante força à imagem do pastor entre os internos. Esta proximidade com a igreja e o instituto (interrompida apenas no momento de sua prisão) fez com que o pastor imprimisse sua personalidade nas rotinas do IVR e da ADUD. Em consequência disso, faz-se necessária a apresentação detalhada deste pastor.

2. Marcos Pereira: o pastor e suas polêmicas[17].

Quando escolhi o IVR como campo para esta pesquisa tinha por intenção observar principalmente a forma como a religião é percebida por indivíduos autodeclarados dependentes químicos em busca de recuperação do vício de drogas e

[15] Certa vez, em visita ao IVR, percebi que um menino que aparentava ter no máximo 15 anos de idade estava entre os internos da casa participando das atividades. Imaginei que sua aparência talvez não fizesse jus a sua verdadeira idade, o que me levou a perguntar diretamente à psicóloga da instituição se aquele rapaz era realmente menor de idade, ou se eu estava enganada. A psicóloga confirmou que aquele menino era sim menor de idade e que casos deste tipo, embora sejam considerados excepcionais, ocorrem com certa frequência na instituição. As normas internas não permitem que pessoas com menos de 18 anos sejam internadas na casa, mas alguns casos são relevados. Outro exemplo de um caso excepcional registrado ao longo da pesquisa de campo no IVR foi o de uma mulher internada com sua filha, uma criança de sete anos de idade. A mulher e a criança estavam juntas na instituição. Contudo, apenas a mulher era considerada interna, enquanto a criança estava ali apenas pelo fato de não ter familiares que pudessem cuidar da mesma.

[16] A *cor* de cada interno é autodeclarada no momento em que os mesmos são cadastrados para internação na instituição.

[17] As informações apresentadas nesta seção foram coletadas no site http://portaladud.com.br/ e ao longo da pesquisa de campo.

como se organiza a vida cotidiana dos internos da instituição. Neste primeiro momento, não imaginava que a figura de Marcos Pereira ganharia tamanha centralidade no decorrer do trabalho, e isso fez com que eu precisasse dar mais atenção a este elemento fundamental do IVR.

Vindo de uma família espírita, Marcos Pereira nasceu no Rio de Janeiro em 29 de novembro de 1956, sendo o terceiro dos oitos filhos de Creuza Pereira da Silva e Armando Marinhos dos Santos. Atualmente é casado com Ana Madureira da Silva, com quem tem dois filhos, Nívea Madureira da Silva[18] e Filipe Madureira da Silva. A família de Marcos Pereira era de classe média, mas isso não o impediu de começar a trabalhar já na juventude. Durante muito tempo, ele trabalhou como maitrê em um restaurante localizado na zona sul do Rio de Janeiro e, logo depois, ele se tornou proprietário de um restaurante localizado na Baixada Fluminense.

Durante o período em que foi proprietário de restaurante, Marcos Pereira seguia um estilo de vida sem muitos limites. Segundo as informações disponibilizadas na página da internet mantida pela própria ADUD, o pastor passou um longo período de sua vida envolvido com atividades violentas impetradas por torcidas organizadas de futebol. A conversão de Marcos Pereira começou a ser desenhada através do *bom testemunho* de vida de um de seus amigos à época. Este amigo, seguidor de uma igreja evangélica, evangelizou sistematicamente Marcos Pereira durante aproximadamente sete anos. Somente após muita insistência deste amigo, o pastor enfim aceitou conhecer o meio evangélico que seu amigo frequentava há anos.

No ano de 1989, em uma noite de segunda-feira, este amigo de Marcos Pereira o convidou para um culto evangélico que seria realizado em um teatro. Neste culto, Marcos Pereira sentiu-se tocado e, diante disso, repensou sua vida até então. Ao receber esta mensagem, Marcos Pereira sentiu que sua conversão se fazia necessária e, a partir de então, decidiu abandonar os velhos hábitos para então tornar-se um *homem de Deus*.

Neste mesmo ano, Marcos Pereira passou pelo batismo nas águas[19]. De forma gradativa, o pastor começou a se envolver cada vez mais com o meio evangélico e, no mês seguinte ao seu batismo nas águas, recebeu o *batismo com o Espírito Santo*[20], além de alcançar a cura de várias doenças não relatadas. Sua esposa também teria alcançado a

[18] Nívea Madureira da Silva, ou Nívea Silva, é um dos grandes nomes da nova geração de cantores gospel. Em função disso, Nívea Silva é bastante conhecida por sua produção musical voltada para o público evangélico.

[19] O batismo nas águas é uma das primeiras etapas pelas quais um novo convertido precisa passar para afirmar sua conversão.

[20] O batismo com espírito santo também constitui uma das etapas pelas quais um novo convertido precisa passar para concretizar sua conversão. Contudo, de acordo com as interpretações que podemos observar nos relatos daqueles que passaram por este tipo de batismo, diferentemente do batismo nas águas, o batismo como espírito santo não ocorre em um dia e hora programados. Desta forma, o batismo com o espírito santo pode ocorrer em qualquer hora ou lugar e constitui uma experiência singular na qual, segundo relatos de indivíduos que passaram por esta experiência, o indivíduo recebe o toque do próprio espírito santo.

cura de uma doença que a impedia de ter mais filhos. Por ter alcançado a cura, Ana Madureira da Silva pôde engravidar do segundo filho do casal, Filipe.

Este foi o começo de uma longa trajetória de dedicação á religião e à realização de evangelizações em penitenciárias do Estado do Rio de Janeiro.

> O pastor (Marcos Pereira) iniciou sua carreira evangélica por meio do trabalho missionário em prisões e nutriu-se, ao longo dos últimos anos, do combate à violência e à criminalidade que veio a se constituir como a mais importante *questão social* no Rio de Janeiro (...). Sua carreira e sua trajetória como evangélico se desenvolveram relacionadas a um conjunto espacial específico: prisões, penitenciárias, delegacias, favelas e regiões periféricas (BIRMAN & MACHADO; 2011:30).

Esta forma de atuar no meio evangélico fez com que Marcos Pereira ganhasse cada vez mais visibilidade por seu trabalho. No ano de 1990, Marcos Pereira começou seu trabalho de evangelização em presídios. A princípio, ele atuava apenas junto aos presos do Presídio de Segurança Máxima de Ilha Grande, mas com o passar do tempo seu trabalho ganhou credibilidade e, assim, o pastor passou a atuar em penitenciárias de todo estado do Rio de Janeiro, além de realizar visitas esporádicas à penitenciárias de outros estados. Contudo, desde o ano de 2004 o pastor teve seu acesso aos presídios limitado em função da suspeita de que o mesmo tivesse algum tipo de ligação com uma facção criminosa. Como consequência disso, Marcos Pereira precisou mudar seu *modus operandi* e passou a concentrar seu trabalho de evangelização em delegacias e favelas no estado do Rio de Janeiro e presídios fora do Rio de Janeiro e, até mesmo, fora do Brasil (BIRMAN & MACHADO: 2011).

Segundo as informações obtidas através da página da ADUD na *internet*, Marcos Pereira teria ajudado a pôr fim em mais de dez rebeliões em presídios apenas com o uso da influência de seu nome entre os rebelados. No ano de 2004, por exemplo, o pastor foi convidado pelo então governador do Rio de Janeiro, Antony Garotinho, para negociar com os rebelados da Casa de Custódia de Benfica uma forma pacífica de pôr fim ao conflito. Com a consolidação de seu trabalho, Marcos Pereira expandiu a evangelização realizada pela ADUD para hospitais, favelas, lares de idosos e creches. Contudo, o grande público alvo dos trabalhos de evangelização realizados pelo pastor continua sendo constituído por indivíduos em situação de risco, sobretudo aqueles que são usuários de drogas, detentos e egressos do sistema prisional.

Contudo, desde o início do ano de 2012, Marcos Pereira se tornou alvo de uma série de acusações que o relacionavam ao alto comando do tráfico de drogas do estado do Rio de Janeiro. Todas estas acusações, segundo relatado pelo próprio pastor em uma

entrevista concedida ao jornalista Roberto Cabrini[21], teriam sido construídos e ventilados por José Júnior, líder da ONG AfroReggae. De fato, José Júnior acusou publicamente o pastor de ser o responsável por uma ampla lista de acontecimentos, que envolvem desde situações ocorridas no âmbito do IVR até atentados terroristas que afetaram toda a rotina da cidade do Rio de Janeiro.

Dentre as acusações feitas por José Júnior está a associação do pastor aos ataques realizados por uma facção criminosa em diferentes pontos da cidade do Rio de Janeiro nos anos de 2006 e 2010. Nestes atentados, traficantes de várias localidades se organizaram para atear fogo em ônibus e bloquear o acesso a várias ruas da cidade. Diversos motivos foram identificados para estas ações violentas, embora as próprias autoridades da área de segurança pública tenham divergido sobre os mesmos. No ano de 2006, os ataques teriam sido inspirados pelo descontentamento dos traficantes em relação ao avanço do domínio das milícias formadas por policiais em algumas favelas cariocas, pela rigidez adotada no regime penitenciário (que afetou diretamente os líderes da facção que estavam presos) e também pela tentativa de intimidar o governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, que havia sido eleito naquele ano[22]. Já no ano de 2010 o principal motivo para a ação violenta dos traficantes teria sido a insatisfação com a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's) em favelas da cidade do Rio de Janeiro.

Tanto em 2006, quanto em 2010, José Júnior afirma que a participação de Marcos Pereira foi essencial para a realização destes atentados. Segundo ele, os dois advogados que compõem a equipe técnica do IVR teriam como função, além de auxiliar os internos do IVR na resolução de suas pendências jurídicas, atuar como *pombos-correios* dos líderes de uma facção criminosa que cumprem pena no Complexo Penitenciário de Gericinó, localizado no bairro de Bangu, na cidade do Rio de Janeiro. Ainda de acordo com as acusações feitas por José Júnior, estes advogados teriam sido os responsáveis por trazer de dentro do presídio a ordem expressa para que os atentados fossem colocados em prática. Tudo isso teria ocorrido com o aval do pastor que, aproveitando a oportunidade criada, poderia surgir como o intermediário ideal para ajudar na resolução deste conflito através de uma suposta negociação com os traficantes envolvidos nos atentados e, assim, ganhar notoriedade pelas suas ações[23].

Além de indicar que Marcos Pereira estava associado a uma facção criminosa, José Júnior também relatou que foi vítima de ameaças de morte impetradas pelo próprio pastor. Associada a esta acusação surgiu outra, na qual o pastor aparece como o mentor de um ataque à sede do AfroReggae em agosto do 2013. Segundo José Júnior, o incêndio que destruiu grande parte do prédio onde funcionava a sede da ONG no Complexo do

[21] Entrevista exibida pela rede de TV SBT no programa Conexão Repórter do dia 02/09/2013.
[22] http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2006/not20061229p32949.htm (Acesso em: 27 dez. 2015).
[23] http://oglobo.globo.com/rio/jose-junior-acusa-pastor-em-depoimento-policia-4302405 (Acesso em: 27 dez. 2015).

Alemão[24] teria partido de uma ordem expressa de traficantes aliados ao pastor como uma forma de retaliação às denúncias feitas pelo líder da ONG contra Marcos Pereira[25].

Outras denúncias surgidas no ano de 2013 serviram para endossar a imagem que José Júnior criou de Marcos Pereira. Segundo investigações da Polícia Civil do Rio de Janeiro, o pastor teria estuprado várias fiéis da ADUD e internas do IVR. As acusações vão além, e indicam que Marcos Pereira teria cometido abusos sexuais contra mulheres em um apartamento de sua propriedade localizado no bairro de Copacabana[26], na cidade do Rio de Janeiro. Segundo as supostas vítimas ouvidas no inquérito policial, para conseguir realizar o ato sexual com estas mulheres o pastor dizia que isso era necessário para a salvação espiritual das mesmas. Uma delas chegou a declarar que o pastor havia dito que a fiel estava sendo possuída por um *espírito lésbico* e que, para se livrar disso, precisava ter relações sexuais com uma *pessoa santa* como o pastor[27]. Somadas a estas denúncias, está a acusação de homicídio na qual o pastor teria mandado assassinar uma das fiéis que, após ser abusada sexualmente pelo líder religioso, ameaçou contar tudo à polícia. Contudo, esta suposta vítima de estupro teria sido morta antes mesmo e efetivar a denúncia contra o pastor. O inquérito policial elaborado contra o pastor conta também com denúncias de que o mesmo estaria associado ao tráfico de drogas do Rio de Janeiro, além de fazer lavagem de dinheiro do narcotráfico através da ADUD.

Como consequência de todas estas denúncias, Marcos Pereira, seu filho Felipe Madureira e mais três seguidores da ADUD foram indiciados no início de 2013[28]. Em maio de 2013 o pastor teve a prisão preventiva decretada e, posteriormente, foi condenado a 15 anos de prisão pela Segunda Vara Criminal de São João de Meriti após julgamento realizado no mês de setembro do mesmo ano.

Nos meses seguintes à prisão de Marcos Pereira a coleta de dados tornou-se algo extremamente difícil. Estabelecer contato com os membros da equipe técnica que serviam de ponte para minha presença no IVR se transformou em algo sobremaneira complicado, e mesmo quando conseguia falar com eles por telefone sempre recebia negativas para as minhas visitas à instituição. Não é possível dizer se a crise institucional criada pela prisão do líder religioso constitui o principal componente do complicado panorama que se construiu para a continuação de minha pesquisa *in loco*. Na verdade, esse foi um dos vários elementos que surgiram ao longo dos últimos meses da pesquisa de

[24] O Complexo do Alemão trata-se de um conjunto de favelas localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

[25] http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/08/encontro-de-marcinho-vp-e-beira-mar-pode-justificar-ataque-afroreggae.html (Acesso em: 27 dez. 2015).

[26] http://oglobo.globo.com/rio/pastor-marcos-pode-ter-estuprado-ao-menos-outras-20-mulheres-8326282/. (Acesso em 27 dez. 2015).

[27] http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/pastor-marcos-pereira-e-condenado-a-15-anos-por-estupro (Acesso em: 27 dez. 2015).

[28] http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/rj-pastor-marcos-pereira-o-filho-e-mais-3-sao-indiciados-por-coacao,a666d8a0ccece310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html (Acesso em: 27 dez. 2015).

campo que progressivamente transformaram minha permanência ali cada vez mais impraticável. Desta forma, precisei terminar minha pesquisa de campo com a sensação de que não tinha alcançado todos os dados que deveria ou poderia alcançar. Obviamente, esta sensação poderia ter surgido mesmo que eu tivesse mais tempo de observação dentro do IVR, e por isso prefiro acreditar que o sentimento de não ater atingido todos os dados que gostaria está relacionado apenas à interrupção brusca de minha pesquisa de campo.

3. As entrevistas com os internos

A realização das entrevistas com os internos do IVR fora sobremaneira extenuante. Sem a possibilidade de gravar o áudio das entrevistas, visto que a direção do IVR não me deu autorização para tal, tudo pareceu bastante complicado. Na maioria das vezes, após terminar uma entrevista, ficava sozinha no salão da igreja por alguns minutos tentando registrar em meu bloco de anotações tudo o que não conseguira escrever ao longo das entrevistas. Dessa forma, tentei não perder todas as informações que considerava indispensáveis sobre o objeto em análise. Além disso, igualmente existiam entraves para a realização de entrevistas com as mulheres internas na instituição. Desde o início da realização das entrevistas com os internos do IVR tive grandes dificuldades em entrevistar as internas. A princípio, sempre existiam empecilhos para que eu não conversasse com elas. Em um dia, eu não podia entrevista-las porque estavam todas envolvidas nas tarefas da cozinha e eu não podia atrapalha-las. No outro dia, todas as internas estavam muito atarefadas com a limpeza do instituto e, por isso, nenhuma delas poderia parar suas atividades para me dar uma entrevista. Assim, os dias iam passando e as entrevistas com as internas nunca aconteciam. Precisei insistir bastante para que, já nos meses finais da minha pesquisa de campo, eu pudesse entrevistar um grupo de três internas.

Desta forma, durante a pesquisa de campo foram entrevistados doze internos do IVR, e todas as entrevistas foram realizadas na sede da instituição. Em média, entrevistei um interno a cada cinco ou seis semanas, pois precisava avisar com bastante antecedência o dia e horário em que pretendia visitar o IVR e esperar a permissão da instituição para a realização das entrevistas. A escolha dos entrevistados sempre fora feita pelos membros da equipe técnica do instituto, que claramente deu preferência aos internos que estavam há mais tempo internados. Assim, quando terminei minha pesquisa de campo havia entrevistado um grupo de internos composto por nove homens e três mulheres com idade entre 18 e 55 anos.

Todos os internos e internas entrevistados eram oriundos do estado do Rio de Janeiro. Entre os entrevistados, apenas dois deles disseram ter concluído o ensino médio (um interno e uma interna). Todos os outros disseram ter apenas o ensino fundamental incompleto. Em sua totalidade, os entrevistados declararam ser solteiros, embora todos os homens e uma das mulheres entrevistadas tenham declarado que possuem filhos fora da instituição.

No que diz respeito à prática de crimes, sete entrevistados (cinco homens e 2 mulheres) relataram que já estiveram no sistema penitenciário, mas todos os doze entrevistados relataram já terem praticado atividades marginais que, em sua maioria, estão

relacionadas ao tráfico de drogas. Além do narcotráfico, outros crimes como furtos, assaltos à mão armada e homicídios também foram relatados por alguns entrevistados. Um dado interessante fora o de que os entrevistados com passagem pelo sistema penitenciário relataram ter cometido mais crimes do que aqueles pelos quais cumpriram penas. A história relatada por Mizael[29] em sua entrevista é um bom exemplo disso. Segundo o entrevistado, sua vida fora marcada pela prática de furtos e assaltos desde a época que começou a usar drogas ilícitas.

Para sustentar as necessidades de seu vício, Mizael furtava e roubava pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro, atividade que ficou temporariamente impossibilitado de realizar depois de sofrer um atropelamento que deixou sua perna imobilizada. Como não possuía mais a capacidade física de realizar as atividades de outrora, Mizael começou a vender drogas em sua própria casa, localizada em uma grande favela da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, uma investida policial na favela em que vivia o surpreendeu e, nesta ocasião, Mizael foi enquadrado no artigo 33 do código penal, a saber, tráfico de drogas. Após cumprir pena de três anos, Mizael está livre e nunca fora acusado pelos tantos furtos e assaltos que cometera anteriormente.

No entanto, o relato de Mizael possui a particularidade de caracterizar sua atuação no tráfico de drogas através de uma das funções de menor poder dentro da hierarquia do tráfico. Um dado bastante interessante que surgiu ao longo das entrevistas realizadas no IVR fora a ênfase dada pela maioria dos entrevistados (sobretudo os do grupo masculino) para a amplitude da inserção dos mesmos na rede de tráfico de drogas do Rio de Janeiro. Quando descreviam sua passagem pelo narcotráfico, os entrevistados sempre buscavam deixar bem claro que suas funções nesta prática criminosa estiveram voltadas para a execução de atividades de grande monta onde, supostamente, possuíam expressivo poder de comando. Funções como *aviãozinho*[30] e *fogueteiro*, por exemplo, nunca eram mencionadas. Por outro lado, o termo *gerente*[31] fora comumente usado para descrever em qual modalidade os entrevistados teriam atuado no tráfico de drogas.

[29] Todos os nomes de entrevistados mencionados são fictícios.

[30] Segundo a terminologia utilizada pelo narcotráfico para definir as funções exercidas pelos indivíduos envolvidos nesta prática criminosa, aviãozinho trata-se do indivíduo responsável por revender a droga em pequenas quantidades diretamente aos consumidores ou repassar o entorpecente a terceiros que farão a revenda em um momento posterior. Já os chamados fogueteiros são aqueles que recebem a função de avisar todos os traficantes do território sobre a chegada da polícia no local ou sobre a investida de alguma facção rival que tenta expandir seus domínios. Embora o uso de rádios comunicadores e telefones celulares seja muito comum como forma de comunicação entre os fogueteiros e os demais traficantes, o termo que dá nome a esta função surgiu justamente pelo fato de que, muitas vezes, fogos de artifício são usados para alardear todo o território.

[31] Tal como sugere, o termo gerente diz respeito ao indivíduo responsável por administrar a venda de drogas em parte do território controlado pela facção. Dentro da hierarquia do tráfico de drogas, o gerente está apenas abaixo do dono do morro, mas está acima de todas as demais funções, como os fogueteiros e os *aviãozinhos,* por exemplo. Aliás, o gerente é incumbido de supervisionar de perto todas as ações feitas pelos indivíduos que estão abaixo dele na hierarquia do narcotráfico.

Diante das possibilidades e objetivos da presente pesquisa, torna-se praticamente impossível – e até mesmo irrelevante – confirmar se, de fato, os entrevistados estiveram vinculados ao tráfico de drogas através do exercício de funções de comando. Contudo, o que mais importa aqui é a exposição e análise dos discursos dos internos entrevistados e, diante desta abordagem, a auto apresentação dos mesmos como ex-traficantes de grande envergadura merece ser destacada.

Todos os entrevistados relataram ter usado drogas ilícitas de forma abusiva durante algum período de suas vidas, e as histórias relatadas por estes homens e mulheres possuem vários pontos em comum. Um destes pontos é o fato de todos terem relatado que começaram a usar drogas de maneira recreativa e sazonal, iniciando pelas drogas lícitas, como cigarro de tabaco e álcool, depois passando para as drogas ilícitas consideradas *mais fracas*. A escalada das drogas ilícitas mais fracas para as drogas ilícitas consideradas *mais pesadas* fora comumente relatada entre os entrevistados, uma vez que todos disseram ter usado drogas como mesclado, cocaína e *crack*.

Outro ponto recorrente entre as declarações dos entrevistados é a forma como conheceram as drogas. A maioria dos entrevistados do sexo masculino disse que, no começo, utilizavam drogas por influência de amigos que também usavam substancias entorpecentes. A história de Carlos ilustra muito bem este aspecto. Em sua entrevista, Carlos disse que "começar a usar drogas foi uma forma de se enturmar com pessoas que considerava importantes e *legais* na favela em que morava quando adolescente". A princípio, cigarros de tabaco e álcool foram as substâncias usadas, mas logo seus novos amigos o apresentaram à maconha e à cocaína. Assim, de acordo com o próprio entrevistado, o desenvolvimento de sua dependência química acabou por acontecer de forma avassaladora e, com o passar do tempo, Carlos também se tornou usuário de crack.

Não só a influência de terceiros parece decisiva para o início do uso de determinadas drogas, posto que decepções amorosas e acontecimentos trágicos foram igualmente apontados pelos entrevistados como fatores propulsores para o início do consumo de alguma droga ilícita. Uma separação conjugal muito conturbada e todo o sofrimento natural ao fim de um relacionamento amoroso foram o grande estopim para que Cláudia começasse a usar abusivamente cocaína. Abaixo, segue um trecho do relato da entrevistada:

> Eu só sei que eu fiquei sem ter o que fazer da minha vida, porque eu amava tanto aquele homem que não via minha vida sem ele. Mas quando ele me largou não tinha mais como remediar a situação, porque a atual mulher dele tinha feito muita bruxaria pra roubar ele de mim, e ele ficou de cabeça virada mesmo. Isso mexeu muito comigo e me fez perder a direção da minha vida. Eu acabei começando a ter contato com gente que andava toda errada, que só queria fazer a vontade do diabo. E foi aí que eu me afundei ainda mais, porque aqueles amigos que eu tinha lá no mundo nunca fizeram nada pra me ajudar, só faziam tudo pra

> acabar comigo ainda mais. Eu, que já não tinha mais nada o que perder mesmo, acabei me entregando pra cocaína (Cláudia, interna do IVR).

Já a morte prematura da mãe é relatada por Antônio como o momento trágico e decisivo no qual traçar o caminho das drogas ilícitas pareceu inevitável. A tristeza que sofrera após perder sua mãe, somada às novas e desagradáveis condições de vida impostas pela necessidade de viver com seu pai, fez com que o entrevistado também se sentisse vulnerável ao consumo de drogas ilícitas.

O momento de degradação provocado pelo uso abusivo de drogas, associado à prática de atividades marginais, é outro ponto que interliga as histórias relatadas pelos homens e mulheres entrevistados. Situações limite, como ameaças de morte feita por traficantes que cobravam dívidas da compra de drogas, disputas territoriais envolvendo os entrevistados[32] e traficantes de facções rivais ou o medo de ser morto em alguma investida policial[33] parecem ser decisivos para a tomada da decisão de largar o uso de drogas e buscar ajuda no IVR.

Em síntese, a situação limite que leva estes indivíduos para a internação no IVR não parece estar necessariamente ligada ao medo da morte que pode ser provocada pelo uso abusivo de substâncias entorpecentes. O medo da morte, mais especificamente o medo da morte violenta a tiros, é o que leva estes indivíduos a iniciarem o processo de conscientização que os levará a buscar tratamento para a dependência química. Pode-se dizer então que, em geral, para este grupo de indivíduos entrevistados o uso de drogas não ameaça a vida na mesma proporção que as investidas impetradas por outros atores envolvidos na rede de combate, consumo e venda de drogas.

O medo da morte violenta esteve presente na trajetória de Leonardo. Segundo o entrevistado, uma situação limite surgiu em sua vida após entrar em conflito com traficantes de uma facção rival, além do fato de não poder arcar com algumas dívidas criadas com seus fornecedores de drogas à época. Leonardo foi *jurado* de morte por vários traficantes, chegando a sofrer um atentado no qual a casa que vivia foi completamente metralhada, embora, por sorte, nenhum tiro tenha atingido o entrevistado. Após este atentado, Leonardo, que já tinha ouvido falar do pastor Marcos Pereira através de um amigo, decidiu buscar ajuda no IVR onde vive há quase dois anos.

Entre as mulheres, Rosa também ofereceu um depoimento sobremaneira ilustrativo a respeito deste aspecto que caracteriza o momento em que os entrevistados decidem buscar tratamento para a dependência química. Esta entrevistada, que conheceu Marcos Pereira em um dos cultos em praça pública que o mesmo fez na cidade de Macaé, nos conta parte de sua história:

> Eu fui uma das chefes do tráfico da Região dos Lagos. Você conhece Macaé? Então, eu sou de lá. Eu tinha um monte de

[32] Nos casos em que os entrevistados também foram traficantes.
[33] Nos casos em que os entrevistados exerciam atividades marginais.

> fotos minhas com fuzil na mão, mas joguei tudo fora quando vim pra cá (para o IVR). Fiquei dois anos nessa vida, eu usava droga e vendia também, mas tudo dentro do controle (...). Eu tive uns desentendimentos com um pessoal que era do outro lado (uma facção rival), e eu comecei a ficar com medo de continuar onde eu morava. Você sabe como traficante é, né? Traficante não tem pena de ninguém, se pegar mata mesmo. Os caras do outro lado mandaram avisar que iam deitar34 um monte lá na comunidade, e isso me deixou com medo mesmo. Eu tinha duas escolhas, pegar meus filhos e sair dessa vida ou procurar outro lugar pra ficar. Aí foi por isso que eu decidi procurar o pastor (Marcos Pereira) e vir pra cá me internar (Rosa, interna do IVR).

O temor causado pela possibilidade de sofrer uma morte violenta que leva estes indivíduos a buscarem tratamento para a dependência química fica ainda mais claro quando os mesmos relatam situações nas quais seus amigos, também usuários de drogas ilícitas, foram vítimas de morte a tiros. Estes casos são relatados como uma forma de ilustrar uma história onde o personagem principal poderia ser o entrevistado, mas que, por sorte, não é.

> Vi tanto amigo meu morrer que até perdi a conta. Dos moleques que cresceram comigo lá em (nome de uma favela da cidade do Rio de Janeiro) eu acho que só eu e um primo meu que conseguimos sair com vida, porque lá quase toda semana tinha um deitado no morro. Se não eram os traficantes que mandava matar, era a própria polícia que fazia o serviço. Se pegavam os caras com arma e droga já sabia que ia pra vala, só não ia se tivesse um arrego35 muito forte pra dar pra eles (os policiais). Aí eu fui vendo tudo isso, minha vida já tava (sic) um inferno porque eu nunca sabia se eu ia tá vivo no outro dia, se eu ia conseguir um dia sair daquela vida de usar droga. E quando mataram meu irmão, eu fiquei quase maluco. Na minha cabeça eu ficava pensando que podia ser eu no lugar dele, porque a gente só andava junto, a gente usava (drogas) juntos e fazia as

34 Gíria utilizada para dizer que uma pessoa está/foi morta. Assim, neste contexto, quando se diz que um indivíduo está *deitado* quer dizer que este indivíduo está morto. Da mesma forma, *mandar deitar* quer dizer mandar matar.
35 Gíria para suborno.

> correrias[36] tudo junto também. Isso daí abriu os meus olhos (Mizael, interno do IVR).

O fato de saber que o IVR trata-se de uma instituição evangélico-pentecostal que trabalha com uma disciplina rigorosa e restritiva não impediu estes indivíduos de tomarem a decisão de se tornarem internos desta instituição. Este dado possui extrema importância para a pesquisa, sobretudo sob o ponto de vista da influência que a religião de criação pode/poderia ter exercido sobre os internos. Quando as declarações que os entrevistados deram sobre a religião seguida por suas famílias ou pelas pessoas que foram responsáveis pela criação dos mesmos são analisadas, percebe-se que as referências evangélicas já estavam presentes antes destes indivíduos ingressarem no IVR na condição de internos. Entre os dados de suma importância que surgiram ao longo das entrevistas, destaca-se que a quase totalidade dos internos[37] entrevistados relatou terem crescido em lares onde, senão todos, pelo menos um dos familiares era evangélico. Do mesmo modo, quatro dos doze entrevistados declararam ter frequentado igrejas evangélicas sob o incentivo de seus pais ou de outros familiares quando eram crianças ou adolescentes.

Dessa forma, penso que o sucesso das investidas proselitistas, sejam as feitas pelo próprio Marcos Pereira e seus seguidores ou as impetradas por amigos e familiares dos entrevistados, depende das referências que estes indivíduos já carregavam consigo. A credibilidade que estes indivíduos conferem ao tratamento proposto pelo IVR parece estar baseada em seus históricos de vivência religiosa e em todos os constructos mentais que os mesmos possuem a respeito da religião. Não obstante, estes indivíduos perecem ter priorizado o IVR como opção para a realização do tratamento contra a dependência química justamente pelo motivo de já conhecerem, ainda que minimamente, o ambiente pentecostal.

As lembranças dos tempos em que participava do culto dominical e da escola bíblica surgem no relato de Cláudia como uma espécie de memória religiosa que confere à entrevistada um norteador de suas escolhas quando decide abandonar o uso abusivo de drogas.

> Quando a gente é pequeno, a gente não tem muita escolha de ir numa igreja ou não, a gente vai porque a família obriga (...) Mas eu me lembro que quando eu era pequena eu ia na escolinha bíblica e no culto com a minha avó na assembleia de Deus. Eu gostava mais de ir na escolinha porque tinha gente da minha idade e eu podia brincar também, e no culto eu tinha que ficar quieta pra não atrapalhar (...) Só depois que eu fiquei velha, que eu destruí minha vida com o crack que eu dei valor pra minha avó que me levava pra igreja. Se não fosse ela eu nunca iria saber que existe um Jesus maravilhoso que podia me libertar (...) Eu me arrependo de

[36] *Correria* trata-se de uma gíria para se referir a assalto ou furto.
[37] Exceto Mizael, que declarou ter sido criado em um lar católico praticante.

> ter me afastado dos caminhos de Deus porque eu quase paguei com a minha própria vida pela burrada que eu fiz. Mas hoje a minha avó está orgulhosa de mim porque eu voltei para o caminho da luz (Cláudia, interna do IVR).

Somadas às referências religiosas construídas ao longo da infância e adolescência do indivíduo, os relatos de cura e histórias de superação proferidos através da mídia religiosa televisiva e radiofônica também foram citados por alguns dos entrevistados como sendo um dos elementos primordiais na decisão por iniciarem tratamento contra a dependência química no IVR. Segundo alguns dos entrevistados, ter acesso a estes relatos de sucesso os levaram a aumentar a credibilidade que já conferiam ao processo de cura através da fé e, sem dúvida, atribuir credibilidade à cura pela fé é fundamental para que o indivíduo inicie o tratamento no IVR ou em qualquer outra instituição religiosa.

> Às vezes, eu ficava com o rádio ligado na estação da igreja e eu via cada caso que eu ficava pensando: minha vida nem está tão ruim assim, se a vida dessa pessoa teve jeito, então a minha também deve ter. Aí eu decidi procurar Jesus para me libertar do meu vício porque eu também queria que Deus operasse na minha vida do mesmo jeito que eu via ele operando na vida dos outros (Jonas, interno do IVR).

Quando questionados sobre a religião que seguem atualmente, todos os entrevistados foram bastante categóricos ao dizer que são evangélicos seguidores da ADUD e que se converteram após se tornarem internos do IVR. Contudo, é recorrente o discurso de que a conversão ao pentecostalismo não é imposta pelo IVR como uma obrigação para permanecer como interno da instituição. Thomas, em sua entrevista, disse que decidiu se converter ao ver o testemunho de fé dado por Marcos Pereira nas atividades cotidianas do IVR e da ADUD, e que nunca se sentiu obrigado a seguir os preceitos evangélicos. Já Tiago diz que sentiu que Deus tinha um propósito em sua vida, e por isso decidiu se converter. A única associação que os entrevistados fazem entre religião e o IVR é no que diz respeito à disciplina que a instituição exige de seus internos. Embora não sejam obrigados a se converterem, todos os internos devem seguir as normas propostas pelo IVR para permanecerem na instituição. E todas as normas do IVR estão profundamente ligadas às doutrinas defendidas pela ADUD.

A adesão à ADUD parece ser tão forte que fora expressa de forma unânime entre os entrevistados a vontade de continuar frequentando esta igreja mesmo após a finalização do período de estadia no IVR. Os trechos de entrevistas apresentados abaixo retratam bem este aspecto da conversão dos entrevistados.

> Não tenho vontade de ir em outra igreja porque eu sei que foi aqui que Deus me libertou do vício, então não tem porquê eu procurar um outro lugar que não vai preencher o

> vazio do meu coração do mesmo jeito que foi preenchido aqui (Tiago, interno do IVR).
>
> Vou continuar frequentando aqui porque eu quero glorificar o nome de Deus no mesmo lugar onde eu me levantei das drogas. Sabe irmãzinha, eu estava no fundo do poço. Foi aqui que Deus me levantou e é aqui que eu tenho que ficar (João, interno do IVR).

Já no que tange à recuperação do vício de drogas e o papel atribuído à religião neste processo pelos entrevistados, todos os entrevistados afirmam veementemente que não teriam conseguido se afastar do uso de drogas se não fosse o suporte oferecido pela religião. Leonardo, em sua entrevista, declarou acreditar que seria impossível abandonar as drogas se não tivesse *conhecido Deus* na ADUD. Quando questionado sobre sua opinião em relação a outras modalidades de tratamento contra dependência química, o entrevistado declarou que não chegou a conhecer outros tipos de tratamento, mas, sob seu ponto de vista, apenas Deus é capaz de livrar uma pessoa da dependência química. O entrevistado também salientou que, segundo suas crenças, apenas através das igrejas evangélicas seria possível ter uma experiência verdadeira com Deus, embora o entrevistado tenha relatado que não conhece outras religiões.

De fato, a opinião de Leonardo a respeito das outras modalidades de tratamento contra a dependência química pode ser apontada como algo compartilhado entre os demais entrevistados. A crença coletiva de que nenhuma outra espécie de suporte contra a dependência química merece credibilidade está fundada justamente no excesso de credibilidade que o tratamento religioso (proposto pelo IVR[38]) recebe dos entrevistados.

Autodeclarar-se completamente curado do vício de drogas foi parte de todos os discursos dos internos entrevistados, ou seja, não existiu entre as declarações dos internos qualquer apontamento de dúvidas sobre terem ou não alcançado a cura completa da dependência química. Através do aprofundamento na análise da certeza de cura manifestada pelos entrevistados, percebe-se que este discurso está fundado nas construções cosmológicas sustentadas no âmbito do IVR e da ADUD. Antes de qualquer coisa, deve-se lembrar que a dependência química, tal como todo e qualquer comportamento visto como inadequado e pernicioso no âmbito pentecostal, é atribuído à influência que forças demoníacas podem ter na vida dos indivíduos.

Assim, dentro da crença pentecostal, todas as pessoas que apresentam comportamentos classificados como ruins e degradantes são vistas como marionetes do mal, pois concretizam as vontades do demônio (BIRMAN, 1997; GUIMARÃES, 1992; MARIZ, 1997, 1999 e Rolim, 1987). A única forma para deixar de ser subjugado pelas forças malignas é a conversão e o processo de libertação pelo qual todo crente deve

[38] Nenhum outro tratamento proposto por outras denominações religiosas, sejam elas evangélicas ou não, foram citados pelos internos do IVR como merecedores de credibilidade no que tange a recuperação real da dependência química.

passar para se afastar da influência exercida pelo diabo (MARIZ, 1994). E, uma vez concluídos os processos de conversão e de libertação, nada mais poderia fazer com que o indivíduo volte a praticar os atos qualificados como negativos desde que ele permaneça na presença de Deus[39]. Tendo em vista que todos os entrevistados se declararam evangélicos seguidores da ADUD com muita convicção, é possível associar a retórica da certeza de cura ao processo de conversão e, implicitamente, ao processo de libertação dos entrevistados.

Isaias, interno do IVR, expressa de forma bastante clara este ponto de vista.

> Eu vou te dizer que eu estou curado sim, porque eu sei que Jesus Cristo me libertou das forças que me usaram no passado para me destruir e destruir a vida dos outros também. Eu sei que se eu permanecer com Deus nunca mais eu vou usar nenhuma droga, então por isso hoje eu sou curado pra honra e glória do nosso Senhor Jesus Cristo (Isaias, interno do IVR).

Além da cura da dependência química declarada com plena certeza pelos entrevistados, a retórica da *dependência* de Deus igualmente chamou atenção. A substituição da droga pela crença em Jesus apareceu de maneira literal nos discursos de dois entrevistados.

> Eu estou curada, irmã. Não sinto nem vontade de usar nada, nadinha. Do dia que eu coloquei os pés aqui na igreja até hoje, eu posso dizer que nunca tive vontade de voltar pra vida que eu levava antes. Eu acho que isso só pode ser o poder de Deus, não é não? Sei lá, acho que eu sou viciada em Deus agora. Minha droga agora é Jesus Cristo, e é mais forte que o crack (Rosa, interna do IVR).

> Nem escuto esse pessoal que fica lá de fora chamando a gente aqui da igreja de maluco. Jesus preenche minha vida de uma forma que eu não sinto mais falta de nada. Quando eu cheirava tava (sic) ali buscando preencher o vazio que tinha dentro do meu peito, mas aquilo passava quando o efeito da cocaína acabava. Então, a mesma coisa que eu sentia quando cheirava eu sinto aqui dentro da igreja, mas agora eu tenho paz com Jesus, e com a cocaína eu não tinha (Leonardo, interno do IVR).

[39] Estar na presença de Deus seria o mesmo que frequentar a igreja e seguir com seriedade a doutrina proposta.

Não somente o papel da religião é salientado no processo de recuperação[40] da dependência química, mas também o papel exercido por Marcos Pereira, tanto no IVR quanto na ADUD. *Aceitar Jesus* e cumprir a doutrina religiosa formam, em associação com o trabalho e presença constante do pastor, um contexto bastante denso no qual estes indivíduos estão inseridos. Quando questionado sobre qual seria o papel do pastor no funcionamento do IVR, Isaias nos diz que

> Ele é o mentor do IVR e, ao mesmo tempo, é como um pai que eu não tenho mais. Quando a gente precisa de uma palavra ele dá para gente. Ele sempre pergunta como estamos aqui na casa. A vontade dele é ajudar todo mundo. Ele é como uma proteção (para os internos), e Deus faz a mudança (nos internos) através dele. O pastor ajuda todos nós, ele é tudo para nós (Isaias, interno do IVR).

Já na entrevista de João, quando perguntado sobre o papel do pastor no IVR, o mesmo relatou que

> O nosso tratamento é baseado somente na palavra de Deus, e o Pastor Marcos Pereira é o nosso ministro, que nos ensina o que devemos fazer para nos libertarmos (João, interno do IVR).

Quando responderam sobre a possibilidade do IVR existir mesmo sem a presença e gerência de Marcos Pereira, a grande maioria foi enfática ao indicar em seus discursos a extrema ligação que a instituição possui com a figura e personalidade do pastor. Foi recorrente nos relatos dos entrevistados uma completa descrença no que diz respeito ao surgimento de algo parecido com o trabalho do IVR em outro lugar, através das mãos de outra liderança religiosa do meio evangélico. Também foi visível no decorrer das entrevistas certa descrença sobre a continuidade do trabalho do IVR caso algum dia Marcos Pereira não esteja mais presente para administrar o instituto. Ao ser perguntado sobre a possibilidade de algo parecido com o IVR existir sem a presença do pastor, Isaias nos disse que

> Não existiria, ficaria difícil existir. Não sei de outros pastores que trabalham para ajudar os viciados, e o Pastor Marcos já faz esse trabalho há muitos anos. Já tem muito

[40] Pretendo deixar claro que decidi considerar apenas a autodeclaração dos internos que, em todas as entrevistas, dizem-se recuperados do vício de drogas e não mais praticarem atividades marginais, como o tráfico de drogas, por exemplo. O questionamento sobre a eficácia do tratamento proposto pelo IVR para recuperar indivíduos dependentes químicos ou ressocializar egressos do sistema prisional não esteve nos objetivos de minha pesquisa.

> tempo que o Pastor Marcos ajuda os (indivíduos) que precisam se libertar. Há vinte anos que ele trabalha resgatando pessoas para viver uma vida diferente (Isaias, interno do IVR).

Apenas Antônio fez uma declaração que diverge das demais entrevistas realizadas. Segundo este interno

> Foi Deus que colocou no coração dele (Marcos Pereira) o dom de cuidar das pessoas. Mas Deus poderia ter feito isso em mim, em você, em qualquer outra pessoa. Qualquer outro pastor com dom de Deus poderia fazer o mesmo que o Pastor Marcos (Antônio, interno do IVR).

Além de demonstrarem um forte vínculo entre o IVR e a figura do pastor, os entrevistados também relataram que a influência do pastor no processo de tratamento da dependência química é fundamental. A figura do Pastor parece funcionar como um parâmetro a ser seguido e como uma liderança que deve ser respeitada acima de todas as coisas. Carlos, ao ser perguntado sobre a influência do pastor em sua vida, declarou

> A influência do Pastor Marcos foi muito grande, porque eu vi que Deus está na vida dele. Ele é um homem que já resgatou muitas vidas, e Deus abençoa ele tanto na vida espiritual quanto na vida material. E isso você pode ver aqui na casa (IVR). O Pastor não precisa pedir nada pra ninguém, porque ele é abençoado41. E se ele é abençoado, eu também quero ser como ele (Carlos, interno do IVR).

Esta associação entre o sucesso do tratamento para recuperação do vício de drogas e a presença constante de Marcos Pereira no IVR também surgiu quando os entrevistados foram questionados sobre os pilares que sustentam a decisão dos mesmos, dia após dia, de permanecerem longe do uso de drogas. Os índices apresentados pelos membros da equipe técnica apontam para o fato de que, todas as semanas, muitos internos decidem por abandonar o tratamento no IVR. A rotatividade de internos na instituição é bastante alta, sobretudo no que diz respeito aos indivíduos oriundos das *cracolândias*. Desta forma, a presença marcante do pastor no cotidiano do IVR revela-se como uma maneira de manter os internos sob vigília, além de ser uma forma de apresentar, a todo o momento, a figura do *varão de Deus*[42] através de sua personalidade. Estes artifícios parecem ser alguns dos elementos responsáveis por fortalecer o vínculo dos indivíduos entrevistados com o IVR. Contudo, uma vez que o índice de abandono do

[41] O entrevistado fez referência aos recursos que mantém o trabalho do IVR.
[42] Homem convertido que segue adequadamente a doutrina religiosa.

tratamento é alto, não há como apreender porque a mesma conjuntura apontada pelos internos entrevistados não afeta na mesma medida a todos os indivíduos que se internam no IVR fazendo-os permanecerem na instituição[43].

Por fim, a longa permanência destes indivíduos no IVR parece ser algo idiossincrático desta instituição, já que não existe um prazo determinado para que o interno finalize o tratamento e deixe a instituição. Em função disso, existem casos como o de Jonas, que está na condição de interno há seis anos e sem manifestar vontade de finalizar seu tratamento e sair da instituição. Outros muitos casos parecidos com o de Jonas existem no IVR e o perfil de internos de longa permanência parece ser um padrão desta instituição. A falta de perspectivas fora da instituição pode ser um fator chave para que estes indivíduos optem por permanecerem ali, sem pensarem em sair e viver suas vidas fora dos muros do IVR.

Considerações finais

Tarefa complicada e que realmente me deixou confusa a princípio fora encontrar a classificação mais adequada para o IVR. Ao longo de minha pesquisa, optei em inúmeras ocasiões por tratar o IVR como *comunidade terapêutica* ou como *casa de recuperação*, embora, muitas vezes, tenha sido assolada pela dúvida sobre as outras categorias possíveis para definir este lugar. Entre outras definições viáveis, cogitei a de *comunidade religiosa*. No entanto, diante da análise dos dados obtidos, esta definição não me pareceu ser completamente suficiente em função do fato de que as pessoas que passam pelo internato do IVR não vivenciam esta experiência movidas apenas pela inspiração religiosa. Outros elementos que não são de cunho estritamente religioso, como a própria busca pela superação da dependência química ou por acolhimento necessário aos egressos do sistema prisional, levam estes indivíduos ao confinamento no IVR. Além do mais, a afinidade com o grupo religioso surge, na maioria das vezes, após a chegada do indivíduo à instituição. Ou seja, a procura por uma experiência que seja religiosa em essência não parece ser o que necessariamente reúne estas pessoas nesta instituição.

Tendo em vista a amplitude alcançada pela questão da dependência química na atualidade, a atuação de instituições como o IVR colaboram no sentido de fazer com que a religião atinja a sociedade mais abrangente. Especialmente no que diz respeito à atuação de grupos pentecostais nas periferias, o projeto de recuperação da dependência química aplicado pelo IVR encontra muita capilaridade. Isso ocorre pelo fato desta instituição atuar segundo uma proposta filantrópica na qual o público atendido dificilmente teria condições de arcar com as despesas de uma clínica de recuperação privada. Desta forma, analisar a atuação do IVR implica na consideração de que os indivíduos atendidos nesta instituição são oriundos de camadas populares já bastante rotuladas por estigmas relacionados ao uso e venda de drogas, criminalidade, violência e pobreza.

[43] Para apreender de maneira adequada os motivos que levam tantos indivíduos a se evadirem do IVR todos os dias seria necessário entrevistar justamente os internos que abandonam o tratamento e, a partir de seus discursos, construir uma análise. No entanto, esta tarefa pareceu sobremaneira difícil, já que seria muito custoso (ou quase impossível) localizar estes indivíduos evadidos.

Hart (2014) nos indica que, antes de pensarmos em quaisquer razões puramente individuais ou físico-biológicas para a dependência química, é necessário construir um panorama completo que leve em consideração todos os elementos sociais e culturais que cercam o usuário de drogas. Ainda de acordo com Hart, o panorama elaborado pela sociedade atual classifica o usuário de drogas como alguém que possui uma falha de caráter e, além disso, é recorrente a crença em que o uso de drogas está necessariamente relacionado a comportamentos violentos que insuflam a criminalidade. Tal retrato da realidade parece incoerente quando observamos, como nos indica Hart, que existem argumentos sólidos para demonstrar que, em primeiro lugar, na grande maioria das vezes o uso de drogas lícitas ou ilícitas não leva automaticamente ao desenvolvimento de dependência química. Em segundo lugar, o uso constante de argumentos equivocados tais como aqueles que apontam que a pobreza, a violência e a criminalidade são provocadas e alimentadas apenas pela expansão do narcotráfico e do número de usuários de drogas demostram uma extrema seletividade da *guerra às drogas*. Assim, qualquer pesquisador, seja ela um sociólogo ou não, que vise observar questões relativas ao uso de drogas e à dependência química precisa estar ciente de que existem muitas conclusões precipitadas a respeito do assunto, e que toda pesquisa com o mínimo de comprometimento deve buscar desconstruir tais conclusões.

Em função disso, acredito que seja muito importante sublinhar que em minha pesquisa trabalhei com a autoclassificação dos indivíduos. Ou seja, o entendimento sobre ser ou não um dependente químico partiu de cada entrevistado e de suas próprias convicções no que tange ao uso de drogas. Não obstante, diante dos dados coletados ao longo da pesquisa, pude concluir que a autoclassificação como dependente químico pelos entrevistados esteve, muitas vezes, atravessada por definições do senso comum e carregada de preconceitos generalizados. Deste modo, pode-se dizer que a figura do dependente químico se constrói sobre muito mais do que o uso constante e abusivo de drogas, visto que determinados componentes sociais atuam com bastante força não só na autoclassificação como também na classificação de dependentes químicos elaborada pela sociedade mais abrangente.

Outro dado de suma importância é que o IVR, representado por sua equipe técnica e seu líder religioso, constrói toda a trama de assistência e tratamento de dependentes químicos sobre bases fortemente identificadas com a cosmologia pentecostal. No âmbito de atuação desta instituição, como fora exposto acima, entende-se que a dependência química corresponde a um, entre tantos outros, malefícios provocados pela possessão demoníaca. Por observar a dependência química por este ângulo, o indivíduo que sofre com este problema é considerado uma vítima da atuação de forças malignas que o obrigam a agir de forma autodestrutiva. Consequentemente, por categorizar a dependência química desta maneira, a única saída possível indicada pela instituição no sentido de livrar o indivíduo dependente químico do uso de drogas é o processo de libertação total dos demônios. Somente após a concretização do processo de libertação, processo este marcado pela aceitação de Jesus Cristo como único salvador e conversão à ADUD, um indivíduo em tratamento no IVR pode ser considerado plenamente curado da dependência química.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Maria Clara Rebel; CASTRO, Ricardo Vieiralves. Santo Daime: tecnologia e adaptação aos tempos modernos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. UERJ, RJ, ano 9, n° 2, 2009, p. 525-532.

BIRMAN, Patrícia. Males e malefícios no discurso neopentecostal. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (Orgs). *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

_____; MACHADO, Carly. A violência dos justos: evangélicos, mídia e biopolítica – O caso do Pastor Marcos. XXVIII Congresso Internacional da ALAS, Recife, 2011.

BUCHER, Richard; COSTA, Priscila Fernandes. Modelos de atendimento aos usuários de drogas. In: BUCHER, Richard. *As Drogas e a Vida*. São Paulo: EPU, 1988. p. 69-80.

_____. Modelos de atendimento a toxicômanos. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 37 (3): 70-83 jul/set, 1985.

CORDEIRO, José Mário Simil; GONÇALVES, Elizabeth Costa. Anotações sobre o perfil de uma instituição especializada no atendimento a toxicômanos. In: BUCHER, Richard. *As Drogas e a Vida*. São Paulo: EPU, 1988. p. 97-102.

GUIMARÃES, José Eugênio. *Razão e religião*: *Pentecostais, Visões de Mundo e Conduta*. 1992. Dissertação (Mestrado), CPDA-UFRRJ, 1992.

HART, Carl. Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da guerra espiritual: uma revisão da literatura sócio-antropológica. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 47, 1999, p. 33-48.

_____. O Demônio e os pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (Orgs). In: *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

_____. Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos, nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994.

RICCIARDI, Gabriela Santos. O Uso da Ayahuasca e a experiência de "transformação" de ex-usuários de drogas no contexto religioso da União do Vegetal. Artigo apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, 2008.

ROLIM, F. C. *O que é Pentecostalismo*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANCHEZ, Zila Van Der Meer; NAPPO, Solange Aparecida. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, 2007. p. 73-81.